

MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO DO ESCRITOR NO ACERVO LITERÁRIO DE ERICO VERISSIMO

Maria da Glória Bordini

Resumo

Nesses tempos pós-modernos, a noção de autoria abrange, numa visada coletiva, inúmeros atores sociais, do passado e do presente. Na constituição de Erico Verissimo como sujeito-autor, a cadeia de construção da autoria abarca muitos elementos. É possível reconstruir as etapas e fatores determinantes da formação autoral de Verissimo com base em suas memórias, narrativas de viagens e depoimentos, assim como através da análise de sua obra ficcional e de fontes primárias como recortes de imprensa etc

Os romances de Erico Verissimo transformam em linguagem o que Erico Verissimo viveu enquanto testemunha de seu tempo. Englobam anseios, leituras, viagens, experiências editoriais, diplomáticas e de ensino, obras de arte fruídas, uma intimidade familiar e social preservada ante os apelos do público leitor e as seduções da fama – mas acima de tudo a presença de um indivíduo que se fez autor por todas essas mediações, tornando-se, ele também, texto e livro.

Palavras-chave: Memória; Erico Veríssimo; História da educação.

MEMORIES OF ERICO VERISSIMO'S FORMATION AS A WRITER IN HIS LITERARY ARCHIVE

Abstract

In this post modern era, the concept of authorship takes into consideration, as a collective construction, several social authors from the past and present. In the construction of Erico Verissimo as an author-subject many elements are taken into account. It is possible to reconstruct the determinant steps and factors in Verissimo's authorship formation analyzing his memories, travel journals and statements as well as through the analysis of his fictional work and primary sources, such as newspaper articles, etc. Erico Verissimo's novels are a written testimony of what he witnessed in his time. They show his expectations, readings, travels, editorial, diplomatic and educational experiences, his views on the arts, his intimacy, preserved from his readers and the seduction of the fame – but, above all, we can see an individual who became an author because of all these elements, becoming, himself, text and book.

Keywords: Memory; Erico Verissimo; History of education.

MEMÓRIAS DE FORMACIÓN DEL ESCRITOR EN EL ACERVO LITERÁRIO DE ERICO VERÍSSIMO

Resumen

En estos tiempos pós-modernos, la noción de autoría abrange, en una mirada colectiva, inúmeros actores sociales, del pasado y del presente. En la constitución de Erico Veríssimo como sujeto-autor, la cadena de construcción de la autoría abarca muchos elementos. Es posible reconstruir las etapas y factores determinantes de la formación autoral de Veríssimo con base en sus memorías, narrativas de viajes y declaraciones así como através de análisis de su obra ficcional y de fuentes primarias como recortes de prensa, etc.

Los romances de Erico Veríssimo transforman en lenguaje lo que Erico Veríssimo vivió enquanto testigo de su tiempo. Engloban ansias, lecturas, viajes, experiencias, editoriales, diplomáticas y de enseñanza, obras de arte disfrutadas, una intimidad familiar y social preservada ante los apelos del público lector y las seducciones de la fama –pero por sobre todo, la presencia de un individuo que se hizo autor por todas esas mediaciones, tornándose, él también, texto y livro.

Palabras clave: Memoria; Erico Veríssimo; Historia de la Educación.

MÉMOIRES DE LA FORMATION DE L'ÉCRIVAIN DANS L'ARCHIVE LITTÉRAIRE D'ERICO VERÍSSIMO

Résumé

Dans ce temps postmodernes, la notion d'être auteur comprend, dans une vise collective, des innombrables acteurs sociaux, du passé et du présent. Dans la constitution d'Erico Veríssimo en tant que sujet-auteur, la suite de construction d'être auteur renferme beaucoup d'éléments. Il est possible reconstruire les étapes et les facteurs déterminants de la formation d'auteur de Veríssimo fondés sur ses mémoires, des narrations de voyage et des dépositions, ainsi que l'analyse de son ouvre de fiction et des sources primaires comme des découpures de presse etc. Les romans d'Erico Veríssimo transforment em langage ce qu'Erico Veríssimo a vécu en tant que témoin de son temps. Ils englobent des souhaits, des lectures, des voyages, des expériences éditoriales, diplomatiques et d'enseignement, des ouvres d'art jouies, une intimité familiale et sociale préservée devant les appels du public lecteur et les séductions de la célébrité – mais avant tout la présence d'un individu qui est devenu auteur par tous ces médiations, en devenant, lui aussi, le texte et le livre.

Mots-clés: mémoire; Erico Veríssimo. Histoire de l'éducation.

Foi necessário atravessar o século XX para que do inconsciente da obra, daquilo que ela mostra como sintoma, seja do psiquismo do sujeito ou dos pressupostos subjacentes à política, e do reflexo que ela traz da infra-estrutura econômica que a sustenta, a crítica chegasse de volta às questões da autoria. De ambos os lados, da psicanálise e da sociologia, a presença do autor tornou-se um problema. De um lado, porque as obras incorporam expectativas sociais quanto a sua criação e produzem o que se pode chamar de imaginação do autor, de outro porque os modos de produção, cada vez mais instantâneos (veja-se a criação/leitura na internet), mostram que a autoridade de quem produz o texto se dilui por tal número de instâncias que a dominância de uma mente autoral autônoma também não se sustenta.

Assim, na virada do século XX ao XXI, de frontados com as evidências de que o inconsciente se estrutura como linguagem, e de que a materialidade conforma o sentido, a concepção de autoria passa a reintegrar componentes antes menosprezados. Assoma ao palco da discussão um movimento de negação à tendência a reduzir o mundo à linguagem, como se os meios e modos de produção e a força de trabalho na criação literária não fossem materiais. Dessa perspectiva, dá-se mais atenção a um exame multidisciplinar dos mídia e dos efeitos de espetacularização da literatura pela exposição pública do escritor, que o fantasmagorizam, aproximando-o da condição de autor como construto e não entidade.

A noção de autoria torna-se evasiva, pois não incide mais apenas sobre uma entidade singular, uma pessoa histórica, sujeito autônomo de suas próprias criações, como se tem pensado desde o Renascimento, que se nutre de suas vivências e fantasias e produz o novo e o inesperado. Nesses tempos pós-modernos, a noção de autoria abrange, numa visada coletiva, inúmeros outros atores sociais, do passado e do presente. Levam-se em conta múltiplos fatores que propiciaram o ambiente favorável ao desenvolvimento de uma obra, facultando não apenas idéias, motivos, moldes genológicos, mas igualmente incentivos

psicológicos, acesso à herança literária e artística do país natal e de outras nações, etnias e culturas. Não se podem esquecer também testemunhos factuais, meios pecuniários para a obtenção do tempo requerido para a escrita e dos instrumentos físicos a ela relacionados.

Por outro lado, a atual discussão inclui ainda a indústria do livro, com seus vários ramos, desde as fábricas de papel e de maquinaria até as empresas de edição e distribuição, o comércio livreiro, com suas lojas e marketing, a indústria da informática, com seus fabricantes de hardware e software, seus computadores e as redes de difusão digital, como a world wide web, e instâncias mais distantes da fatura material – ou virtual – do texto, como os organismos governamentais ligados à promoção da cultura, a imprensa e seus críticos, as academias e seus prêmios, a escola e seus professores, as famílias e seus leitores.

Cada um dos atores sociais referidos colabora para a construção do conceito atual de autoria, pois sua ausência quebra a cadeia de sujeitos – e de objetos – que possibilitam o lançamento de uma obra em formato de livro ou em formato digital e o conhecimento da mesma pelo último elo que a ela pertence, o leitor. Ser autor supõe ser lido, mas ser leitor implica ser autor de sua leitura, de modo que se institui uma relação de dependência entre esses dois sujeitos, mediada por todas as instituições que constituem a cadeia. Atingido o último elo, o processo é revertido sobre o primeiro, uma vez que um autor, assim reconhecido pelo seu público, estabelece com ele uma ligação de expectativas e frustrações de parte a parte, as quais reverberam sobre os novos atos autorais e podem ser estimuladas ou manipuladas pelos atores intermediários.

Na constituição de Erico Verissimo como sujeito-autor, a cadeia de construção da autoria abarca todos esses elementos. É possível reconstruir as etapas e fatores determinantes da formação autoral de Verissimo com base em suas memórias, narrativas de viagens e depoimentos, assim como através da análise de sua obra ficcional e de fontes primárias como recortes de imprensa,

fotografias, cartas e esboços existentes no Acervo Literário de Erico Verissimo (ALEV), entidade mantida pela família do escritor e que reúne a documentação primária e secundária sobre o mesmo.

O ALEV comprova que Verissimo começa a surgir como autor de textos literários quando seu primeiro conto, “Chico”, é publicado num jornal de Cruz Alta (*Cruz Alta em Revista*, 1929) (cf. ALEV 03a0870-1929), às instâncias de sua mãe, que convence o filho a expor-se ao público local pelo meio mais usado na época – a imprensa jornalística. Entretanto, em suas memórias, Verissimo afirma que desde os tempos de ex-colegial do Ginásio Cruzeiro do Sul vinha se exercitando na narrativa, assim como no desenho, outra de suas paixões.

Desde criança, formara um elenco de leituras, dos bonecos de *O Tico-Tico* às aventuras de Julio Verne, e logo aos romances naturalistas de Eça de Queirós, que seu tio encenava em casa, à revista *L' Illustration*, que o pai assinava e em que sua imaginação de menino navegava à solta. Ademais, sua família provinha de uma camada abastada da sociedade sul-rio-grandense de então, a de estancieiros cujos bens incluíam os culturais, como retratos a óleo nas paredes, bibliotecas particulares, gramofones e discos, e o hábito de freqüentar teatros e cinemas.

Assim, em criança, Erico criou-se num ambiente familiar e social que lhe propiciou o contato com obras de arte diversas, às quais reunia-se o que não seria peculiar do patriciado rural e que ele também revela em suas memórias: o convívio com os cidadãos humildes, com os peões de estância e os desgarrados que procuravam, na cidade de Cruz Alta, os cuidados de saúde da farmácia e do dispensário de seu pai, com os criados do casarão, em geral negros, e seus filhos, dos quais ouviu lendas, histórias e causos que a alta cultura não registraria.

Se a fase de bonança não durou, e o jovem ginasiano teve de deixar o colégio interno em Porto Alegre ante a separação dos pais e a falência da família, em todo o caso a nova experiência de ter de trabalhar cedo para ajudar a mãe o levou a conhecer

outras áreas do mundo profissional. Nessa época, atravessou, distraidamente, como ele mesmo deixa implícito, atividades de bancário, boticário, empregado de armazém, pintor de cartazes, até chegar ao emprego de secretário editorial da *Revista do Globo* na capital do Estado.

Durante esse tempo todo, o jovem Erico continuava a ler tanto literatura, em grande parte francesa e norte-americana (pode-se constatar, no ALEV, que Erico, com 20 anos, lia em francês *As flores do mal* de Baudelaire - 13c0107-1925), quanto filosofia, de Voltaire (no ALEV há um volume com marcas de leitura de *O Jardim de Epicuro* de 1907 - 13a0007-1907) a Spencer, orientado nessa última pelo tio João Raymundo, e escrevia seus contos e sketches durante o expediente, em horas roubadas ao trabalho que não o interessava. E os discutia com seu primo Rafael, assim como com o amigo que fora boticário como ele, Manoelito de Ornellas. Esboçava-se com isso uma rede de trocas, de idéias e de escritos, em que não faltavam as dificuldades da autoria iniciante: o temor de exposição da obra, as tentativas baldadas, a escuta de opiniões amistosas, a falta de interesse das casas editoras por textos de principiantes, a ausência de recursos para bancar a impressão por conta própria, o receio ante a crítica mais afamada. Nos cadernos de notas de Erico, conservados em seu Acervo Literário, encontra-se, por exemplo, uma novela inteira, *Madrugada*, inédita, que o jovem escritor não se animou a publicar, talvez ao perceber o caráter excessivamente determinista do entrecho (cf. ALEV 01b0012-1930).

O ingresso na *Revista do Globo*, em 1930, como é sabido pela autobiografia *Solo de Clarineta 1* e a biografia *Um Certo Henrique Bertaso*, foi o passo decisivo para constituir-se como autor. Já havia publicado um conto no *Correio do Povo* –“A Lâmpada Mágica” (cf. ALEV 03a1261-1929) e essa circunstância o tornara conhecido dos escritores porto-alegrenses e do então secretário editorial, Mansueto Bernardi, que o aceitou ao candidatar-se ao emprego. Na Revista, Erico aprendeu todo o mister editorial, desde aceitar notas de aniversário e casamento,

lado a lado com artigos de variada qualidade de colaboradores mais ou menos reputados, até providenciar figuras para clichês, matéria improvisada para tapar buracos de diagramação e revisar provas tipográficas.

A experiência na Revista chamou a atenção de Henrique Bertaso para aquele moço trabalhador, que timidamente lhe oferecia seu primeiro livro de contos, dispondo-se a pagar a impressão, o que o então diretor da Seção Editora não permitiu. *Fantoches* saiu em 1932 e em boa parte foi devorado por um incêndio, mas logo Erico trouxe ao novo chefe e amigo os originais de *Clarissa*, em 1933, seu primeiro sucesso de crítica no romance, e deu-se início a uma carreira que até os anos 50 manteve em paralelo a atividade de escritor e de editor.

A edição de livros tem seus mistérios e Erico, em sua aventura editorial com Bertaso, teve suas boas e más escolhas. Deixou escapar *O Pequeno Príncipe* de Saint-Exupéry, e recomendou *Sem Olhos em Gaza*, de Huxley, romance que confundiu o público de tal forma, que na edição subsequente a editora alterou a seqüência original dos capítulos, para pô-los na ordem cronológica a fim de cobrir o prejuízo (cf. depoimento oral de José Otávio Bertaso, diretor da Casa até os anos 80).

De qualquer forma, sua associação com Bertaso redundou no soerguimento da Seção Editora da Livraria, a qual passou de impressora de livros encomendados para uma das mais refinadas indústrias editoriais do país até os anos 70 (uma história do ponto de vista da direção da Casa se encontra na obra de José Otávio Bertaso, *A Globo da Rua da Praia*). Veríssimo e Bertaso se valeram das técnicas mais atualizadas para a seleção, editoração e divulgação das edições Globo, diversificando linhas e formatos, criando públicos especializados, investindo em literatura, ciência e educação, sem esquecer obras de entretenimento de massa, apoiados em eficientes revisores, tradutores, dicionaristas e artistas gráficos, a maioria formados na própria Casa.

Se a Editora Globo, que alcançou o *status* de empresa à parte da Livraria em 1956, foi uma fábrica de especialistas em

edição e de sucessos editoriais, também habilitou o escritor Erico a aumentar sua própria produção e a fazê-la circular a tal ponto que, depois da década de 50, já não precisava mais trabalhar na firma e passou apenas a aconselhar o amigo Bertaso e a dedicar-se a sua literatura (cf. carta a Henrique Bertaso – ALEV 2a0008-1943).

Entrementes, havia conquistado um público cativo, por meio de estratégias editoriais como a serialidade dos romances urbanos, a forma moderna, mas de fácil leitura (veja-se artigo de Marisa Lajolo a respeito na revista *Letras de Hoje*), e a atenção a questões sociais cruciais, como as da sociedade burguesa capitalista, que gradualmente dominava o país substituindo o antigo patriciado rural no poder, e as da Segunda Grande Guerra, que seus leitores viviam na carne.

Fatores que pesaram para a formação continuada do jovem autor foram sua primeira sessão de autógrafos em São Paulo, em 1940, a convite dos irmãos Saraiva, em que se formou longa fila de meia quadra para que assinasse principalmente *Olhai os Lírios do Campo*, e as conferências na Sociedade Sul-Rio-Grandense, de platéia lotada, e na Faculdade de Direito, em que foi saudado por Antonio Candido. Assim reconhecido no centro do País, Verissimo fez amizade com intelectuais, editores e críticos como Paulo Duarte, Edgar Cavalheiro, A. Rolmes Barbosa, Diaulas Riedel, José de Barros Martins, Sérgio Milliet, bem como com autores como Miroel Silveira, José Geraldo Vieira, Helena Silveira e Lygia Fagundes Telles.

Outro ganho em sua carreira literária veio do convite do cônsul norte-americano em Porto Alegre para uma visita de três meses aos Estados Unidos sob a chancela do Departamento de Estado. Tratava-se de atividade do Programa de Boa Vizinhança de Roosevelt e Verissimo pôde passar uma temporada naquele país, em 1941, onde conheceu as cidades de Washington, Baltimore, Filadélfia, Nova York, New Haven, Boston, Chicago, Nova Orleans, San Francisco e Hollywood, fazendo palestras e conferências tanto em universidades como em clubes de senhoras, e privando com autores e críticos como Thomas Mann, Aldous

Huxley, Thornton Wilder, Somerset Maugham, Pearl S. Buck, e críticos como David Daiches e James Feibleman. Esta viagem está relatada em *Gato Preto em Campo de Neve* e em diversas fotografias arquivadas no ALEV.

O alargamento de horizontes para um escritor que nunca saía do país se fez sentir tanto na seleção de textos que Erico realizava para a Globo quanto em seus romances, que adquirem maior densidade, como *O Resto é Silêncio*. A temporada entre os norte-americanos foi tão bem sucedida que o autor foi outra vez convidado pelo Departamento de Estado para lá retornar, em 1943, como professor visitante de Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia em Berkeley e no Mills College de Oakland. Corria a Segunda Guerra Mundial e logo em Miami ele topou com os PT boats, botes lança-torpedos que combateriam os japoneses. Na travessia para San Francisco, conheceu o outro lado da América do Norte, o Sul e seus estados mais pobres, como Alabama, Louisiana. Revisitou Nova Orleans, e cruzou o Texas, Novo México, Arizona, até Los Angeles, o que lhe deu outra dimensão que a visita anterior ao Leste do país não lhe proporcionara.

Em Berkeley, Erico viveu intensamente o ambiente universitário, entre colegas de diversos departamentos e especialidades – inclusive testemunhou de longe a criação da bomba atômica, num laboratório secreto para o qual dava a janela de sua sala de aula. Deu também sua contribuição para o esforço de guerra com programas de rádio, transmitidos para a Europa, e palestras em hospitais militares. Já em Oakland, saturou-se de cultura entre concertos do Quarteto de Budapeste e Darius Milhaud, aulas de poesia com René Bellé e de pintura com Fernad Léger, e palestras de Julien Green. Um escritor brasileiro, cujo acesso à cultura musical e artística se resumira a discos e gravuras no Brasil e a museus e concertos no Leste ianque, agora sofria uma verdadeira imersão cultural, convivendo com artistas e acadêmicos de alto nível e ampliando suas próprias concepções de mundo.

Transferindo-se para Hollywood, entra em contato com o mundo do cinema, com seus magnatas e estrelas, onde conversa com Jean Renoir ou Frank Capra, torna-se intérprete de Villa-Lobos, ensina um texto em português para Gary Cooper, vê Errol Flynn filmando, penetra nos meandros da escrita de roteiros com o amigo Robert Nathan e o autor de *O Santo*, Leslie Charteris, e o de *Pacto de Sangue*, James Cain. Conhece os grandes astros do cinema da época, de James Stewart e Henry Fonda a Peter Lorre, de Katherine Hepburn e Anne Baxter a Judy Garland, mas não deixa de cumprir seus ciclos de conferências, que o levam ao Texas, Oklahoma, Kansas, Missouri e Indiana. A nova experiência, adentrando mais a fundo na indústria cinematográfica, igualmente afeta o escritor, mostrando-lhe a maquinaria por detrás das telas, ele que só experimentara a da indústria do livro. Tudo isso está registrado em cartas e fotografias arquivadas no ALEV e em *A Volta do Gato Preto*.

Retornando ao Brasil em 1945, ele empreende o seu grande romance histórico, *O Tempo e o Vento*, já com o domínio de técnicas narrativas musicais e cinematográficas, adquiridas tanto por sua produção de romances urbanos – nos quais a estrutura musical, os recursos cinematográficos e a descrição pictórica provêm de seu gosto e freqüência às três artes desde rapaz – quanto pelas novas experiências de convívio com músicos, pintores, escritores, cineastas e roteiristas num universo competitivo de consumo de massa, em que a Universidade era um remanso de cultura produzida *pour soi-même*.

O Tempo e o Vento (1949-1962) consumiu mais de vinte anos de trabalho criativo, interrompidos pela escrita de narrativas de viagens, contos e uma novela, *Noite*(1954), bem como por uma estada mais longa nos Estados Unidos, dessa vez como Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, em Washington, em que residiu de 1953 a 1956. Depois dessa nova estada, num ambiente burocrático, de festas em embaixadas, viagens oficiais à América Central e do Sul e muita papelada diplomática, em que sua criatividade atingiu o

nível mais baixo, segundo ele mesmo (cf. carta a Herbert Caro – ALEV 02a0077-1955), e tendo sofrido um sério enfarte de miocárdio em 1961, Erico muda de clave e se dedica a nova espécie de romances, em que as questões políticas internacionais tomam o espaço antes reservado para as brasileiras. Sua viagem ao México em 1955, a Portugal em 1959, deram-lhe alento para, com sua lente de brasileiro, compreender o homem latino-americano e estudar *in loco* as origens lusitanas do seu país e de sua própria família.

O Senhor Embaixador (1965) e *O Prisioneiro* (1967) são reações do escritor como homem de seu tempo ao desconcerto do mundo nos anos 60, época de guerras de intervenção macabras, como a do Vietnã, ou de revoluções sanguinárias, como a de Cuba e da República Dominicana, ou ainda, de golpes militares e ditaduras na América Latina e no Brasil. *Incidente em Antares*, seu último romance, de 1971, incorpora esse amálgama de vivências ao lastro fornecido por *O Tempo e o Vento*, num exercício de intratextualidade a que não falta a intertextualidade com o *boom* do realismo mágico da América Latina e o mosaico de gêneros que tem caracterizado o romance contemporâneo. Tudo isso implica muita leitura dos colegas norte e sul-americanos, como a Biblioteca de Erico Verissimo atesta, mais uma apurada visão do caminho para a barbárie que os anos 70 estavam percorrendo e que hoje, na primeira década do novo milênio, explode em novas guerras de intervenção, em conflitos religiosos e étnicos, em violência urbana e anomia desmedidas.

Viagens a Israel (em 1969 – de que há, nos originais, arquivados no ALEV, desenhos de Nazaré e suas colinas-05b0034-1969), e depois a diversos países da Europa, como Itália, Espanha, Alemanha, Holanda, França, Áustria, Tchecoslováquia, Inglaterra, Suíça e Grécia, de mistura com breves estadas com a filha Clarissa, casada com o norte-americano David Jaffé e residente perto de Washington, deram a Erico Verissimo, nos últimos anos de sua vida, uma perspectiva mais aguda da sociedade e da cultura ocidentais. Percorrendo tantos

países, suas convicções sobre o gênero humano se fortaleceram, percebendo que os ideais de jovem não eram equívocos, mas que carecia lutar incessantemente por eles.

A diversidade de costumes dos lugares que visitou, as obras de arte que contemplou, as perseguições políticas que testemunhou (em Porto Alegre, em Lisboa e em Atenas), os livros de filosofia, de psicanálise e de crítica e teoria literária que leu, secundaram seu apreço de há muito pelos efeitos sociais da produção cultural, pelo trabalho emancipatório dos artistas, pela convivência pacífica com a diferença, pelos homens justos, pelos militantes da paz, pelos valores da vida familiar em harmonia, que ele soube construir ao longo da vida (cf. planos pessoais em carta a Fernando Garcia – ALEV 02a0155-1974).

Os romances de Erico Verissimo transformam em linguagem o que Erico Verissimo viveu enquanto testemunha de seu tempo. Incorporam igualmente a contribuição anônima de revisores, tipógrafos, impressores, homens de marketing, livreiros, críticos, professores, agências governamentais nacionais e estrangeiras, bibliotecas universitárias e nacionais, museus, lugares e gentes que ele contactou e eventualmente nem notou. Porém, não estacam aí: graças aos veículos de comunicação social, especialmente a televisão, tornam-se instrumentos para manter seu público alerta, a fim de que a injustiça social, a corrupção e a violência não proliferem. Englobam anseios, leituras, viagens, experiências editoriais, diplomáticas e de ensino, obras de arte fruídas, uma intimidade familiar e social preservada ante os apelos do público leitor e as seduções da fama – mas acima de tudo a presença de um indivíduo que se fez autor por todas essas mediações, tornando-se, ele também, texto e livro.

Referências

BARTHES, Roland. A morte do autor. In:____. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Caderno de pauta simples: Erico Verissimo e a crítica literária*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005.

CANFORA, Luciano. *Livro e liberdade*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992.

JAUSS, Hans-Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura*. São Paulo: Ática, 2001.

LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MARTIN, Henri-Jean. *Histoire et pouvoirs de l'écrit*. Paris: Albin Michel, 1996.

McMURTIE, Douglas C. *O livro: impressão e fabrico*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

NOVA RENASCENÇA, Revista Trimestral de Cultura. Associação Cultural “Nova Renascença”, Fundação Eng. Antônio de Almeida, Porto, v.57-58, primavera-verão 1995. Homenagem a Erico Verissimo.

VERISSIMO, Erico. *Gato preto em campo de neve*. Porto Alegre: Globo, 1981.

VERISSIMO, Erico. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Globo, 1981.

VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Globo, 1996.

VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso*. Porto Alegre: Globo, 1981.

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. v.1 e v.2.

WOODMANSEE, Martha. *The author, art, and the market*. New York: Columbia Univ. Press, 1994.

Maria da Gloria Bordini possui doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991). É professora aposentada como adjunto IV na UFRGS e ex-professor titular de Teoria da Literatura da PUCRS. Atualmente exerce o cargo de professor colaborador convidado da UFRGS no Programa de Pós-Graduação em Letras. É pesquisadora 1B do CNPq.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Av. Bento Gonçalves, 9500

Agronomia

91540-000 - Porto Alegre, RS - Brasil

Telefone: (51) 33086706 Fax: (51) 33087303

E-mail: mgbordini@portoweb.com.br

Recebido em: 15/10/2007

Aprovado em: 15/05/2008

ESSA COISA DE GUARDAR... HOMENS DE LETRAS E ACERVOS PESSOAIS¹

Maria Teresa Santos Cunha

Resumo

Por meio do estudo dos acervos pessoais dos intelectuais catarinenses José Arthur e Lucas Alexandre Boiteux - cartas, fotografias, bilhetes, recortes de jornais, escritos autobiográficos – preservados pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pretende-se discutir as artes de guardar que nos conduzem a um determinado conhecimento do universo das elites da cidade de Florianópolis, nos três primeiros decênios do século XX. Este acervo que guarda o vivido e o escrito constitui-se em um suporte de memória e permite discutir e analisar a importância da preservação destes documentos para as investigações em História da Educação.

Palavras-chave: História da Educação; Acervos Pessoais; Memória.

THIS THING OF KEEPING... MAN OF WORDS AND PERSONAL FILES

Abstract

Through the study of the personal files of the catarinenses' intellectuals José Arthur and Lucas Alexandre Boiteux – letters, photographs, notes, clippings of periodicals, autobiographical writings – preserved by the Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, it is intended to discuss the arts of keeping that lead us to a certain knowledge of the universe of the elites in the city of Florianópolis in the three first decades of the 20th century. These personal files that keep the life, the views and the writings, consist in a memory support and function as a purpose of discussing the importance of preserving and analyzing these files in Education History research.

Keywords: History of the Education; Personal Files; Memory.

¹ Texto apresentado em Mesa Redonda sobre Acervos Pessoais no 13º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, em setembro de 2007.

ESA COSA DE GUARDAR... HOMBRES DE LETRAS Y ARCHIVOS PERSONALES

Resumen

Por el estudio de los archivos personales de los intelectuales José Arthur y Lucas Alexandre Boiteux – cartas, fotografías, notas, recortes de periódicos, escrituras autobiográficas - preservados por el Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, se intenta discutir las artes de mantener que nos conducen a un cierto conocimiento del universo de las elites en la ciudad de Florianópolis en las tres primeras décadas del siglo XX. Estos archivos personales que guardan la vida, las opiniones y las escrituras, consisten en una ayuda y tienen una función de garantizar la memoria como propósito para discutir la importancia de preservar y de analizar estos archivos en la investigación de la Historia de la Educación.

Palabras-clave: Historia de la Educación; Archivos Personales; Memoria.

CELA DE GARDER... DES HOMMES DE LETTRES ET DES ARCHIVES PERSONELLES

Résumé

À travers l'étude des archives personnelles des intellectuels José Arthur et Lucas Alexandre Boiteux – des lettres, des photos, des billets, des découpures de journaux, des écrits autobiographiques – préservés par l'Institut historique et Géographique de Santa Catarina, on prétend discuter les arts de garder qui nous conduisent à une certaine connaissance de l'univers des élites de la ville de Florianópolis, aux trois premières décennies du siècle XX. Cette archive qui garde le vécu et l'écrit consiste dans un support de mémoire et permet discuter et analyser l'importance de la préservation de ces documents-là pour les investigations dans l'Histoire de l'Éducation.

Mots-clés: Histoire de l'éducation; Archives Personnelles; Mémoire.

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade). (Beatriz Sarlo, 2007)

A frase que inicia o último livro da ensaísta e crítica literária argentina Beatriz Sarlo nos incita a pensar na dificuldade de entendimento entre estas perspectivas sobre o passado e, muito especialmente entre história e memória e a concordar com as afirmações da autora para quem há sempre *algo inabordável no passado*, já que ele é um *advento, uma captura do presente e nem sempre um momento libertador da lembrança* (SARLO, 2007, p.9). Mesmo ciente dessa dificuldade, o historiador vive acometido da ânsia de *guardar passado e criar memórias* e pode-se dizer que nunca, como hoje, a memória foi um tema tão espetacularmente social. Vivemos uma febre preservacionista que tudo transforma em relíquia onde a tônica é a celebração do passado e mesmo a aceleração do tempo - que parece exigir a dissolução do passado - tem, paradoxalmente, feito nascer novos museus, romances históricos, filmes que revisitam outros tempos, publicações de testemunhos, autobiografias, relatos identitários, um verdadeiro dever de memória está instaurado². Mesmo considerando que sob o rótulo de memória cabe muita coisa, parece consensual, aos estudiosos, que ela só pode ser exercida em *plenitude relativa, incompletudes, recriações e até impedimentos* (FERREIRA, 2004, p.66).

Todo este movimento coloca em evidência que há nas pessoas um desejo de guardar objetos e de guardar-se em “papel”

² Além da expressiva quantidade de biografias e autobiografias lançadas no mercado, merece registro especial a quantidade de trabalhos apresentados nos Congressos de Pesquisa Autobiográfica (CIPA) nas duas versões realizadas em Porto Alegre (RS/2004) e em Salvador (BA/2006).

(fotos, diários, cadernetas, cartas) para salvaguardar-se do esquecimento, conservar o que, quase sempre, se extravía na vertigem do tempo, daí certa compulsão pelo que se chamou de *arquivamento do eu*.

Philippe Artières (1998, p.11), ao analisar as práticas de *arquivamento do eu*, destaca a sua intenção autobiográfica, isto é, “*arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência – arquivar a própria vida é querer testemunhar, é querer destacar a exemplaridade de sua própria vida*”.

Arquivar-se, guardar e guardar-se constitui uma prática bastante comum entre os chamados *homens de letras*, aqui caracterizados como indivíduos voltados para o estudo, a leitura e a vida em gabinetes (CHARTIER, 1996, p.160) o que parece levar a hábitos de preservação de documentos, de papéis diversos que se substantivam na constituição de acervos pessoais.

Guardar foi um verbo, uma ação, intensamente presente na vida dos irmãos Boiteux³, em Florianópolis dos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX e foi *essa coisa de guardar* que dá ao historiador de hoje as condições para reconfigurar o passado. Para eles guardar não significou esconder. Guardar consistiu em proteger documentos e papéis avulsos da corrosão temporal para melhor partilhar; de preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo. Papéis escritos tidos como *ordinários* tais como cartas, diários, autobiografias, dedicatórias, cadernos de

³ Os irmãos José Arthur Boiteux (1865-1934) e Lucas Alexandre Boiteux (1880-1966) foram intelectuais de projeção em Santa Catarina na virada do século XIX para o XX. José foi fundador de instituições como a Faculdade de Direito, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras. Lucas foi Almirante da Marinha e escreveu muitas obras sobre a História de Santa Catarina. Os acervos pessoais dos dois irmãos encontram-se sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

receitas, cartões de felicitações, cartões postais, fotografias antigas com dedicatórias afetuosas até então escondidos dentro de gavetas, armários e caixinhas, “tornam-se presentes como uma voz que nos interpela” (FELGUEIRAS e SOARES, 2004, p.110) e constituem uma história de vida, pois são, uma extensão dos seus titulares. Eles permitem reconhecer os modos de vida das novas elites republicanas em Santa Catarina nos inícios do século XX e seus processos para a construção da representação mais legítima de sua posição bem como suas redes de sociabilidade que visam assegurar a manutenção de seu poder (ABREU, 1996, p.19).

Sobre o Acervo Boiteux: O que se guarda... como se guarda...

Para iniciar a discussão deste vasto material parece importante pontuar algumas conceituações que envolvem as terminologias mais recentes da área. Segundo estudos da historiadora Janice GONÇALVES (2006), a palavra acervo designa um conjunto de bens e, neste sentido, está próxima do sentido geral da palavra "patrimônio". Acervo costuma designar um conjunto de documentos, peças ou obras reunidas e abrigadas (custodiadas) por instituições como museus, bibliotecas, arquivos e centros de documentação, ou ainda existentes em coleções particulares.

Há dois tipos de acervo: 1) aqueles reunidos em função da vontade exclusiva de quem os reúne (quem reúne escolhe o que reunir, conservando e descartando o que bem entender segundo sua vontade, apenas); 2) os reunidos em função das diversas atividades realizadas por quem os reúne (pesando aí tanto a vontade/escolha como a obrigação de reunir e guardar). O acervo reunido pela exclusiva vontade de quem o reúne é chamado de coleção. Os materiais que compõem uma coleção podem ser os mais variados possíveis, ter as mais variadas procedências, cobrir diferentes temas, mas todas as coleções têm em comum seguir a

lógica da "vontade de colecionar" do colecionador. Assim, a organização de uma coleção costuma obedecer a essa lógica; em geral, espelha uma dada preocupação, uma "mania", uma "obsessão" ou um "hobby".

O acervo reunido por uma pessoa ou uma instituição, em decorrência das atividades realizadas no decorrer de sua existência, é chamado de "arquivo" (ou "fundo"). O arquivo é, em geral, composto por documentos produzidos em função de necessidades cotidianas e afazeres habituais, e não necessariamente escolhemos produzi-los ou controlamos sua produção. Ex: contas de luz, cartões postais enviados por amigos, extratos bancários mensais etc. Diferentemente da coleção, o arquivo registra e espelha a história da entidade (da pessoa física ou jurídica) que o reuniu. No linguajar coloquial arquivo também pode designar uma instituição custodiadora de documentos (daí as freqüentes confusões).

Um acervo pessoal ou institucional (como conjunto de documentos reunidos por uma pessoa ou instituição) pode ser formado pelo arquivo da pessoa ou instituição e por várias coleções. Em princípio, a palavra "acervo" tem uma abrangência maior (e, por conseqüência, também uma precisão menor quanto ao que designa...). Um arquivo como conjunto documental pode eventualmente ter traços de outro acervo (por exemplo, em um arquivo pessoal, documentos de identificação do avô, do bisavô, que não foram, obviamente, reunidos pelo titular do arquivo em função de suas atividades cotidianas). Dessa forma, é possível considerar os documentos da família Boiteux, aqui em destaque, como um acervo pessoal sob a salvaguarda do arquivo institucional conhecido como Instituto Histórico e Geográfico, embora a terminologia possa ser diferente em variadas publicações.⁴

⁴ A publicação da Revista Estudos Históricos/ FGV/ v.11, nº21/1998 utiliza a terminologia Arquivos Pessoais considerando que estes 'apresentam aspectos da vida pessoal e familiar – característica desse tipo de acervo – comprovados por inúmeros registros... (FRAIZ, P.p.60)

O acervo, alvo desse estudo, foi doado pela família Boiteux ao IHG/SC em agosto de 1989 e compõe-se de cerca de 40 000 documentos, dos quais foram catalogados e organizados cerca de 33 400 pela Professora Eliana Maria dos Santos Bahia.⁵, conforme quadro abaixo:

| TIPOLOGIA DOCUMENTAL | QUANTIDADE |
|-------------------------------|--------------------|
| Documentação Pessoal | 1002 peças |
| Série Correspondência | 5341 peças |
| Produção Intelectual | 1232 peças |
| Série Jurídico-Administrativa | 1009 peças |
| Série Política | 2000 peças |
| Recortes de Jornais | 10735 peças |
| Fotografias/ Postais | 12000 peças |
| TOTAL APROXIMADO | 33319 PEÇAS |

Fonte: BAHIA, Eliana M.dos Santos (1994)

Entre os mesmos encontram-se cartas, recibos, atestados, certidões, produções intelectuais do autor e de seus contemporâneos, recortes de jornais, folhetos, mapas eleitorais, fotografias e uma coleção de cartões postais sobre Florianópolis no período que compreende desde fins do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Merece destaque o acervo de imagens composto de cerca de 12.000 fotos em preto e branco contendo cenas da cidade, incluindo 200 cartões postais recebidos e colecionados que já mereceram estudo através de um Projeto de Pesquisa⁶.

⁵ Dados sobre esta organização e catalogação encontram-se em BAHIA, Eliana Maria dos Santos. “Perfil de José Arthur Boiteux: Um construtor da cultura catarinense”. Dissertação de Mestrado. História. Universidade Federal de Santa Catarina. 1994.

⁶ CD Rom “Imagens de um Presente. História e Memória de Florianópolis na passagem do século XIX ao XX a através do acervo iconográfico de José Arthur Boiteux preservado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Disponível, também, em www.imagensdeumpresente.udesc.br

O acervo evidencia as práticas de colecionismo relativas à constituição de sujeitos protagonistas de enredos políticos e culturais próprios de uma elite letrada, testemunhas privilegiadas de acontecimentos validados e consubstancializados pela construção de um acervo privado onde a tônica parece ter sido a necessidade de construção de homens públicos modelares.

Os documentos desse acervo privado guardam histórias individuais e familiares, trazem marcas da escolarização de seus titulares e permitem pensar distintas interpretações. Materializados em papel, lápis e tinta, a grande maioria desses documentos apresenta-se enriquecida com anotações pessoais que permitem variadas leituras, notadamente no âmbito dos estudos e pesquisas para a História da Educação. Ao enfrentar a passagem do tempo podem emergir como re-conhecimento, como possibilidade de não-esquecimento, como “lugar de memória”. Dentre eles, encontram-se também os múltiplos documentos produzidos pelos autores como escritos autobiográficos que remontam aos tempos escolares de seus possuidores. A tarefa do historiador, aqui, consiste em problematizar estas fontes através de um ato significativo de interpretação *o de quem a preserva para o futuro, tanto quanto o de quem a recupera para o presente* (BORDINI, 2003, p.139) para descobrir outros mundos possíveis e dele extrair um universo mental e material das elites.

José Arthur e Lucas Alexandre Boiteux: Homens de Letras

Em seu aspecto geral, a singularidade dos homens públicos da Primeira República estava ligada a sua condição letrada – eram *homens de letras*, condição esta que representava um importante bem simbólico cujo capital social muitas vezes ultrapassava seu capital financeiro. As *letras* - representadas pelos livros e por objetos que denotavam a posse da cultura escrita - eram importantes bens simbólicos da elite e ocupavam lugar

privilegiado no interior das residências, nas estantes, nos gabinetes de trabalho, muitas vezes protegidos a chave nos armários de portinholas envidraçadas.

Neste trabalho as *letras* da família Boiteux (especialmente dos irmãos José e Lucas) estão presentes nas velhas prateleiras e gavetas do Instituto Histórico e Geográfico e deram o mote para a discussão de seus acervos pessoais.

Nesta abordagem, muito especialmente, centrou-se o olhar sobre anotações dos tempos escolares vividos por Lucas Boiteux na Escola Naval (Ilha das Cobres/RJ) para evidenciar a importância dos acervos pessoais para uma análise historiográfica. Estas memórias foram diligentemente registradas em cadernos escolares, mas também publicadas, posteriormente, no *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*, entre janeiro e julho de 1955, sob o título *Bordejós sobre meio século de Marinha*⁷. Tal expediente parece corroborar a idéia de construção do homem público (as informações muito íntimas não aparecem) para si mesmo, para sua família e para o Museu que, agora, abriga seu acervo.

Segundo uma historiografia política bastante conhecida em âmbito estadual e local, José Arthur Boiteux, (1865-1934), era o irmão do meio de outros dois nomes que se tornaram conhecidos nos circuitos intelectuais e políticos estaduais. Sendo os três descendentes de franco-suíços e filhos de comerciantes, o mais velho, Henrique (1863-1947) destacou-se em inúmeras pesquisas e publicações, seguindo carreira naval, assim como o mais novo, Lucas Alexandre, (1880-1966), chegou a almirante. Em fins do Império, depois de iniciada uma carreira no Exército e abandonado um curso de medicina no Rio de Janeiro, José Arthur destacou-se como militante republicano, vindo por esta via iniciar sua vida política como oficial de gabinete de Lauro Müller,

⁷ A obra historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux, publicada no *Jornal do Comércio* foi levantada por CUNHA, M.T.S. "A produção historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux no *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* - 1911-1959". Dissertação de Mestrado em História. UFSC, 1982.

prossequindo na carreira política e ocupando cargos administrativos. Como homens públicos, pertencentes a elite catarinense e voltado para *as letras*, coletaram, selecionaram e guardaram os registros de um tempo.

Nas inúmeras pastas que compõem o acervo é possível verificar como, ao longo do tempo, as formas de registrar o acontecer político, cultural e cotidiano sofreu mudanças evidenciando que não só os conteúdos, mas também a distribuição do tempo e as metodologias de registro foram alteradas. Os suportes e utensílios da escrita se modificaram. Os mais antigos são detalhados, manuscritos e em cadernos grampeados e pautados. Os mais recentes já são datilografados, numa escrita mais lacônica, com pouca descrição do que foi ou será realizado. Uma das características mais perceptíveis e negligenciadas, juntamente com o utensílio da escrita – caneta tinteiro ou lápis– é a letra quase sempre bem desenhada, cujo talhe imprimia uma particularização definitiva aos documentos. Ela foi ficando cada vez mais livre, mais inclinada, mais diferenciada uma das outras e quase não se pode reconhecer nestas letras uma marca distintiva de saber, já que “a escrita ficou mais distanciada do desenho, da caligrafia, das dimensões controladas do corpo, mas identificada, sim, com uma legibilidade entendida em termos comunicacionais” (OSSANNA, 2002, p.226).

Ao inventariar os documentos preservados neste acervo pessoal foi possível refletir sobre outros significados dos papéis escritos/guardados que passam do espaço privado para a visibilidade pública. Ao iluminar esses papéis ‘ordinários’ pode-se pensar na importância de uma *memória de papel* para o reconhecimento de diferentes práticas, costumes, rituais, ações e sociabilidades como ponto de partida para reinventar outros presentes, como lembra o historiador português Rogério Fernandes:

O papel é o suporte mais vocacionado para conservar o registro de momentos fugidios nas nossas vidas ou nas vidas dos outros. Aí temos dispersos pelas gavetas

materiais dispares que são outras tantas histórias de vida revertidas ao contexto profissional: as velhas agendas cujos anos chegaram ao fim, nas quais foram marcados encontros, conferências a ouvir ou a proferir, projetos, concursos, moradas de novas escolas (...) mais laboriosos e mais ricos, os diários de aula, as memórias dos tempos letivos, as planificações letivas, os nossos trabalhos (...) são uma imagem baça do tumulto ou, pelo contrário, da pacatez daquilo que outrora foi vivo e atual (2005, p.25).

Retornando aos estudos de ARTIÉRES (1998), arquiva-se para ter a identidade reconhecida, controlar a vida, recordar e retirar lições do passado, preparar o futuro e inscrever a existência: *Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo* (1998, p. 31). Guardar documentos de si mesmo, como assinalou RIBEIRO (1998, p.35), revela o desejo de perpetuar-se, mas, sobretudo, responde ao desejo de forjar uma glória. Assim, os arquivos pessoais, encerram a intenção do titular de ser reconhecido pela posteridade por uma *identidade digna de nota* e, ao que as evidências apontam, os irmãos Boiteux foram exímios arquivistas, tanto de si como dos outros e da cidade. Seus guardados são legados que permitem entrever o mundo em que se moviam as primeiras elites da República que, em sua maioria, *traçaram o risco de nossas vidas* (ABREU, 1996, p. 45) Todavia, antes de prosseguir, é preciso reconhecer o fato de que a paciência e cuidado na montagem de um acervo documental caracteriza-se num fenômeno raro e excepcional no conjunto de nossas práticas culturais, sendo mais incomum ainda o fato de que os legatários deste acervo também o preservaram, chegando a doá-lo para um arquivo de natureza pública.

Uma intervenção no acervo de Lucas: Apontamentos para uma História da Educação

Presentes no acervo em cadernos de rascunho, a série de escritos *Bordejos sobre meio século de Marinha* era sempre publicada por Lucas Alexandre Boiteux, às quintas-feiras no “Jornal do Comércio do Rio de Janeiro”, em uma periodicidade que variava de duas a três semanas, entre janeiro e junho de 1955.⁸

O substantivo que dá título às memórias de Lucas Alexandre Boiteux está vinculado à sua condição de homem do mar. *Bordejar* significa navegar mudando com frequência o rumo, segundo a direção do vento, assim, navega-se em *ziguezague, cambaleante*. A escolha deste termo - marítimo, por excelência - sinaliza um teor aos escritos. Pode-se considerar que as memórias que ele pretende contar não obedecerão, necessariamente, uma direção fixa, elas poderão *vagar*; não há um compromisso em seguir uma direção cronológica precisa, o objetivo parece ser narrar o vivido.

Alunos e Professores: Descrições guardadas

A educação militar era uma tradição na família Boiteux, cujos filhos frequentaram a Escola Naval. Os filhos de Lucas, por exemplo, foram batizados com nomes que homenageavam grandes figuras militares/navais (Nelson, Yan, Bayard) e dois deles também seguiram carreira militar. O próprio Lucas mereceu o epíteto de *historiador naval* e escreveu livros e artigos sobre a participação de Santa Catarina em guerras, com descrições detalhadas das estratégias militares empregadas. Estas características reverberaram em seus *Bordejos*.

⁸ Ver, CUNHA, M.T.S. “A contribuição historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro entre 1911 a 1959”. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. UFSC. 1982.

Homem do mar, viajante, seus textos quer os de caráter histórico, quer os de caráter literário estão sempre com os *olhos para o mar*. Ele escreve como se estivesse posicionado em mirantes, colinas, varandas, faróis, tendo como horizonte de perspectiva, o mar. Sua linguagem, não raras vezes, utiliza-se de metáforas “marítimas”, tais como: dias *anuviados*, noites de *proa*, amigos de *leme*, *horizontes* políticos. Emblemática, a frase que inicia suas memórias e anteriormente já transcrita:

Rompera anuviado o ano de 1897, que seria de provação da turma (...) (JC 16/01/1955)

Sobre seus colegas, alunos da Escola Naval, as referências, quase sempre elogiosas, são abundantes e privilegiam tanto o aspecto físico como os relacionados ao caráter. Nomeados, muitos, como amigos que perdurarão na vida adulta, compartilhavam de valores positivos (mérito, sinceridade, lealdade) que criavam um sentido para a conservação dos laços de amizade duradoura.

O Rego Meireles era pequenino, mas bem constituído. Ignácio Amaral destacava-se pela altura avantajada, inteligência vasta, alma boníssima (...). Pela adiposidade impressionava o Armando de Figueiredo que recebeu o apelido de ‘Gordo’ que aceitou de bom grado, tinha medo extremo de micróbios e por isso andava sempre a desinfetar-se (...). O Souza Imenez, devido o enrolamento da língua - mistura de português e castelhano - servia de chacota aos veteranos que lhe haviam magoado certa parte delicada do corpo. Esguio e muito enxuto de carnes era o Apio Couto, fala descansada, olhar malicioso. (...) O paulista F. Junqueira de Oliveira foi alcunhado de ‘Devasso’ pelas gargalhadas que dava. Nesse tempo os apelidos/alcunhas eram muito comuns na Marinha, muitas permaneceram (...). O Fonseca e Almeida, forte, estouvado, intemperante, mas alma boa, leal e dedicado. (...) Feios, feios... juro – não havia na turma de 1897. (JC 30/01/1955)

A rememoração dos professores e instrutores também segue a mesma lógica descritiva utilizada para descrever os alunos e se detém muito mais nas características físicas dos descritos do que nas suas atividades docentes. A separação nas categorias de professor e instrutor não explicitada nos *Bordejós* parece explicar-se pelo grau de praticidade das disciplinas, qual seja, as mais teóricas eram de competência de professores e as mais técnicas eram dadas pelos instrutores. Assim, aparecem as lembranças:

O 1º Tenente Tancredo Burlamaqui de Moura, homem alto, reforçado, trigueiro, de olhos e cabelos pretos, bigode ralo, com maus dentes. Era instrutor de Navegação Estimada, trapalhão de marca, faroleiro completo. (...) Em o Curso prévio ministravam seu confuso saber os professores: A matemática estava entregue ao Cap. Tenente João José Luz Viana; suas lições eram fatigantes. (...) Leciona francês prático o Cap. Tenente Eugênio Guimarães Rebelo, que nos caceteava com suas insossas preleções. (...) Pedro Alexandrino Ribeiro era professor de desenho, baixote, gordo (...). Era instrutor de infantaria e esgrima de baioneta o 1º Tenente Antônio Espigão Fernandes, magrinho, espigado que conhecia bem as manobras de infantaria. Mestre de esgrima e florete era o português naturalizado Tenente Manuel Gonçalves Correa, a sua hora de lição era toda um espetáculo de alegria. (...) O mestre de ginástica e natação era um italiano naturalizado. Figura simpática de atleta. (JC 13/02/1955).

As descrições dos conteúdos ministrados pelos professores evidenciam a predominância de aulas e disciplinas de cunho técnico, possivelmente de imediata aplicação à vida naval e condizente ao propósito técnico-profissional que se esperava desta Instituição de Ensino que não era mesmo uma escola em termos genéricos, mas uma escola profissionalizante com características específicas. Entretanto, ao contrário do que se anuncia, o ensino ministrado na Escola Naval oferecia poucas atividades práticas, é

bacharelesco e isso é motivo de rememoração e crítica nos *Bordejos*.

Afora os bordejos a vela nos brigues e patachos disponíveis, nenhum outro exercício de índole marinheira se efetuava. O lançamento de torpedos, o fundeio de minas e o tiro de artilharia jamais se realizavam... (...) Também o ensino da navegação, da topografia, de geodésia e das máquinas ministrava-se apenas nas salas de aula, sem a correspondente aplicação no terreno prático. (JC 3/02/1955)

As memórias oferecem novas e interessantes possibilidades para iluminar aspectos da cultura escolar em que foram socializados futuros militares. As descrições podem funcionar como facilitadores para a problematização de valores, crenças e visões de mundos singulares que contribuíam para a formação escolar de um dado perfil profissional. Ao mesmo tempo, tais relatos alimentam nosso empenho de continuar localizando, reunindo e selecionando documentos que nos ajudem a iluminar aspectos da educação escolarizada no Brasil e, assim, buscar novas e outras indagações sobre a vida, a escola, a vida na escola e a escola em nossas vidas. (MIGNOT, 2002).

Um rito de iniciação: O trote aos calouros

A prática do trote aos calouros merece destaque do autor e há relatos minuciosos sobre a forma que os alunos mais velhos submetiam os mais novos a *sevícias, rasteiras, incivildades, remoques chulos, bruteza sádica, ofensas, humilhações*; além de ser considerado como prática *crudelíssima e desumana*. Segundo Lucas Boiteux, a primeira “surpresa” desagradável ocorreu no primeiro dia de aula, logo após o desembarque na Ilha das Enxadas e foi longamente relatada:

Ao chegarmos no alojamento, amplo salão situado à leste do edifício, a fim de armarmos nossos leitos, sofremos grande decepção: os veteranos iludindo a vigilância do

peçoal de serviço, havia dado um grande benefício em nossa bagagem, tinham desarticulado todas as camas, amontoado ao léu nossos colchõese travesseiros e sacolejado copiosamente as antes de empilhá-las a um canto. Quando as abrimos para retirar lençóis, fronhas, toalhas e camisolões (os pijamas ainda não tinham entrado em uso) sofremos novo choque: tudo revolvido, frascos de dentifricio, da loção, de tinta derramados, roupas brancas manchadas. Verdadeiro desastre! Houve lamentos, pragas... Para quem apelar?. (JC 30/01/1955)

Dando seqüência ao relato dos primeiros dias na escola e as cerimônias de iniciação pelas quais o calouro deveria passar, continua contando o narrador:

As primeiras noites dormidas na Escola foram de verdadeiro sobressalto. Os veteranos invadiam furtiva e cautelosamente o dormitório dos calouros, cometendo toda sorte de diabruras e perversidades: viravam e trocavam as malas; destrambelhavam as camas, pintavam a cara de uns, arrebatavam as cobertas de outro, aplicavam violentas palmadas aos que dormiam. (JC 30/01/1955)

De certo modo, pode-se pensar que este tipo de *socialização* realizada pela Escola poderia ter efeitos inesperados, uma vez que o próprio narrador finaliza esta parte de suas memórias, admitindo que:

È um interessante tributo que paga a bisonhice de novato; é um processo de adaptação mais ou menos rápido ao ambiente escolar e de incorporação à turma. Revela e define índoles, modalidades de temperamento, caracteres. Torna-se quase sempre, é bem verdade, a origem das amizades, de indiferenças e também de incompatibilidades futuras, pois o trote depende sobremaneira do processo, da habilidade de aplicá-lo e também da situação no momento e do temperamento e da educação de quem o recebe. (JC 30/01/1955)

Fazendo parte de uma cultura escolar da época, o trote aos calouros criava situações de adesão e crítica e sua violência e parcialidade concorria para uma etapa essencial na socialização do aluno: sua confrontação com os pares poderia ser determinante para a futura autonomia do indivíduo, pois no limite “*a autonomia do indivíduo supunha, na verdade, a superação da própria cultura escolar*” (SOUZA, 2000, p.30).

No *Jornal do Comércio* do dia 05 de junho de 1955, Lucas Alexandre Boiteux publica o último artigo da série *Bordejos* colocando um ponto final nas suas descrições sobre a turma de Aspirantes de 1897, da Escola Naval. Há um tom melancólico em suas palavras finais, a escola habita a memória e a memória se decanta nos lugares em que vive e, para o historiador isto funciona como um ponto de partida, um despertar, uma esperança, uma possibilidade de novas leituras para inventar outros presentes.

E encerrava-se assim, para a briosa turma de Aspirantes de 1897, o áspero e penoso período de provação. Dura fora a jornada, encarada, no entanto, com coragem, constância e paciência. Nem todos, os 86 que éramos, logravam, infelizmente, a meta almejada. E pouco a pouco a turma foi se despovoando melancolicamente. Hoje, cinqüenta e oito anos volvidos, um terço ainda, rijo e forte mercê dos céus (...) alonga a vista enevoada por lágrimas esquivas, para o passado remoto pejado de sonhos e de esperanças que se esvaecem, no sol - por da vida. (JC 05/06/1955)

È possível considerar que certa nostalgia por épocas passadas se explique pelo fato de que, à distância, sempre projetem uma imagem já atualizada pelas vivências posteriores aos fatos relatados. Os *Bordejos* de Boiteux se caracterizam como uma via importante para conhecer práticas, saberes e sabores escolares e, muito especialmente, conhecer através das práticas de memória de um *homem de letras*, outras redes de sociabilidade no ambiente escolar. Com linguagem rebuscada, idílica, e certamente idealizada, - *o passado tem uma bela caixa de lápis de cor* - Lucas

deixa confirmação de sua existência, constrói uma imagem para si próprio e consciente ou inconscientemente para os outros, além de evidenciar aspectos da cultura escolar no limiar do século XX, realçando pela singularidade de sua escrita, a pluralidade de um vivido.

Desencantando...

Estes acervos que guardam o escrito do vivido, guardam igualmente a 'leitura-escritura' que os irmãos Boiteux fizeram de si próprio, constituindo-se em uma memória que pode ser decodificada através da leitura e interpretação de seus documentos, cuja análise o historiador re-atualiza, ressignificando-o e tornando-o suporte de memória.

Como práticas de escrita, por exemplo, as memórias dos tempos escolares de Lucas Alexandre Boiteux podem ser consideradas *ordinárias*, mas permanecem vivas para quem as escreveu e arquivou e para quem as consulta/utiliza, formando uma ponte entre nosso mundo limitado e o outro, infinitamente mais rico, o da história, da arte, do sagrado. Por intermédio delas a vida pode se perenizar, já que o arquivamento é um baluarte contra a imortalidade. Essa parece ser a tarefa do pesquisador: produzir sentido e vida para a vida de outrem, a partir de questões norteadas pelo seu tempo e seu espaço, sempre tendo presente a provisoriedade de sua reflexão (CURY, 1995. p.55).

Os acervos pessoais, via de regra, contêm documentos de naturezas diversas que resultam de diferentes estações da vida expressando tanto a vontade de forjar uma glória como um desejo de guardar os momentos mais significativos. Uns tratam de momentos solenes, ocasiões especiais, fatos públicos, militância política. Outros trazem os laços de afeto, o processo de construção de trajetórias, o refinamento de uma idéia ao longo de rascunhos e textos. Os documentos que permanecem nos acervos pessoais são aqueles que resistiram ao tempo, à censura de seus titulares e à

triagem das famílias. Por sua vez, o fato de tratar-se de acervos pessoais permite dimensionar o empreendimento de seus autores que, ao valorizarem certos acontecimentos e experiências, assinalaram não apenas seu desejo de imortalidade como também o desejo de preservar ações e feitos seus e seus contemporâneos, evitando tanto seu apagamento e esquecimento como remetendo para o futuro a compreensão e julgamento dos enredos, dos quais foram partícipes. Além de protelar a morte, uma vez que os documentos podem sobreviver aos seus proprietários, estes acervos pessoais acolhem com deleite o historiador, oferecendo uma espécie de certificado de presença, testemunhando e autenticando o vivido.

Veza por outra, em determinadas situações de vida, estes documentos são relidos, redistribuídos, classificados. Passam sempre por inúmeros descartes: por falta de espaço; porque não se lembra mais do seu significado; porque o papel traz lembranças dolorosas, enfim, não faltam razões para que caiam no esquecimento. Mergulhar nos papéis ‘ordinários/miúdos’ guardados permite apreender saberes, crenças, valores e práticas considerando-as como partícipes de uma “história da linguagem e da cultura escrita (...) uma história das diferentes práticas do escrito (...) capazes de gerar modos de pensar o mundo e construir realidades” (CASTILLO GÓMEZ, 2003. p. 133). O interesse pelos acervos pessoais está relacionado, em nosso tempo, ao desenvolvimento de outras perspectivas historiográficas que encontram nas artes e nas razões para guardar possibilidades diferenciadas para compreender mais os homens e as mulheres em suas histórias. São fontes encantadoras e *para o historiador, um prato cheio e quente. E acredito que, para ser degustado com o prazer que pode proporcionar, os historiadores devem se municiar dos nada novos procedimentos de crítica às fontes, guarnecidos com escolhas teóricas e metodológicas capazes de filtrar o calor, de maneira a não ter a boca queimada.* (GOMES, 1998, p.125)

Referências

ABREU, R. *A fabricação do Imortal. Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil*. RJ: Rocco: Lapa, 1996.

ARTIÈRES, P. *Arquivar a própria vida*. Estudos Históricos. Arquivos pessoais. RJ; v.11, nº21.1998.p. 9-21.

BAHIA, E.M.S. *Perfil de José Arthur Boiteux. Um construtor da cultura catarinense*. Dissertação de Mestrado. Historia. UFSC.1994

BOITEUX, L.A. *Bordejós sobre meio século de Marinha*. Jornal do Comércio do Rio de Janeiro/ maio a setembro de 1955. (Arquivo Lucas Alexandre Boiteux/IHG/SC).

BORDINI, M.G. *Acervos sulinos: A fonte documental e o conhecimento literário*. Arquivos Literários/ organizadores Eneida Maria de Souza e Wander melo Miranda. SP: Ateliê Editorial, 2003.

CASTILLO GÓMEZ, A. *La cultura escrita en la larga duración*. EDUCAÇÃO/Unisinos São Leopoldo. vol 7,n.12, 2003, p. 129-169.

CHARTIER,R. *L'homme de lettres*. IN: VOVELLE, M. (org). L'Homme de Lumières. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

CUNHA, M.T.S. *A produção historiográfica de Lucas Alexandre Boiteux no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro – 1911- 1959*. Dissertação de Mestrado em História. UFSC, 1982.

CURY, M. Z. F. *Acervos: Gênese de uma crítica*. In: MIRANDA, W. M.A trama do arquivo. Belo Horizonte: UFMG. 1995.

FELGUEIRAS, M. L. e SOARES, M. L. B. O Projeto “*Para um Museu Vivo da Escola Primária*” – *Concepção e Inventário*. In: MENEZES, M. C. (org). *Educação, Memória, História: possibilidades, leituras*. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2004. p. 105-130.

FERREIRA, J. P. *Tantas memórias – ou um difícil passeio pelos modos de pensar a memória: possibilidades, textos, atores*. RESGATE. Revista Interdisciplinar de Cultura. Campinas. Área de Publicações CMU/Unicamp, nº13, 2004. p. 65-74.

FERNANDES, R. *Cultura da escola: entre as coisas e as memórias*. In: PROPOSIÇÕES/UNICAMP. v.16, jan/abr 2005. Dossiê Cultura Escolar e Cultura Material Escolar: entre arquivos e museus. p. 19-40.

FRAIZ, P. *A Dimensão Autobiográfica dos Arquivos Pessoais: O arquivo de Gustavo Capanema*. ESTUDOS HISTÓRICOS. Arquivos pessoais. RJ; v.11, nº21.1998.p. 59-87.

GOMES, A.G. *Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos Arquivos privados*. ESTUDOS HISTÓRICOS. Arquivos pessoais. RJ; v.11, nº21.1998.p. 121-127.

GONÇALVES, J. *Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX*. São Paulo. 2006. 444p. Tese. (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30012007-110719/>

MIGNOT, A,C,V. *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: UERJ/Rede Sirius, 2003.

RIBEIRO, R. J. Memórias de si ou... In ESTUDOS HISTÓRICOS. CPDOC/FGV. 1998. p. 35-49.

SARLO, B. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. SP: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOUZA, M.C.C.C de. *Escola e Memória*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

OSSANNA, E. O. El problema de la letra en la escritura: la escuela entrerriana a comienzos del siglo XX. In: CUCUZZA, H. R. e PINEAU, P. (orgs). *Por una historia de la enseñanza de la lectura y la escritura en Argentina. Del catecismo colonial a La Razón de Mi Vida*. Buenos Aires: Miño y Ávila Editores, 2002. pp. 213-227.

Maria Teresa Santos Cunha é Doutora em Educação /História e Filosofia (USP). Professora do Departamento de História e dos Programas de Pós-Graduação em Educação e de História da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC.

Universidade do Estado de Santa Catarina.
Avenida Madre Benvenuta/Campus Universitário
Itacorubi
88000-900 - Florianópolis, SC - Brasil
Telefone: (48) 32229168
E-mail: mariatsc@gmail.com

Recebido em: 12/01/2008
Aprovado em: 15/05/2008